

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A JUSTIÇA NO CINEMA: OS SINUOSOS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO
CRIMINAL
EM COLABORAÇÃO COM O DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO E
ACÇÃO PENAL DE LISBOA
27 de junho de 2023

IM LABYRINTH DES SCHWEIGENS / 2014
(Labirinto de Mentiras)

Um filme de Giulio Ricciarelli

Realização: Giulio Ricciarelli / *Argumento:* Elisabeth Bartel (autora também da ideia), Giulio Ricciarelli, Amelie Syberberg (colaboração) / *Montagem:* Andrea Mertens / *Direção de Fotografia:* Martin Langer, Roman Osin / *Produção:* Jakob Claussen, Sabine Lamby, Uli Putz / *Produção Executiva:* Jens Oberwetter / *Música:* Sebastian Pille, Niki Reiser / *Design de Som:* Friedrich M. Dosch / *Direção Artística:* Manfred Döring / *Guarda-roupa:* Aenne Plaumann / *Casting:* Minona von Vietinghoff / *Interpretações:* Alexander Fehling (Johann Radmann), André Szymanski (Thomas Gnielka), Friederike Becht (Marlene Wondrak), Johannes Krisch (Simon Kirsch), Johann von Bülow (Staatsanwalt Haller), Robert Hunger-Bühler (Oberstaatsanwalt Friedberg), Hansi Jochmann (Schmittchen), Lukas Miko (Hermann Langbein), Gert Voss (Generalstaatsanwalt Fritz Bauer) / *Cópia:* Digital, a cores, falado em alemão, inglês e hebraico, com legendagem em português / *Duração:* 118 minutos / *Estreia Mundial:* 6 de setembro de 2014 / *Estreia Nacional:* 9 de julho de 2021 (estreia televisiva, na RTP2) / *Inédito Comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Sessão apresentada e seguida de comentário por João Aibéo e Renato Barroso.

O título em português, traduzido do internacional em inglês, é um pouco mais “panfletário” do que o original em alemão, que significa rigorosamente *No Labirinto do Silêncio*. Apesar de menos “impactante”, o título original é mais revelador do verdadeiro assunto deste drama realizado pelo também ator e produtor italo-germânico Giulio Ricciarelli, pois a história, baseada em factos reais, do procurador Johann Radmann (interpretado por Alexander Fehling, que o leitor poderá conhecer do seu papel de nazi em **Inglourious Basterds** [2009] de Quentin Tarantino) versa mais sobre a descoberta ou reconhecimento da culpa e da vergonha do que sobre a verdade dos factos relativos aos crimes hediondos cometidos no campo de concentração de Auschwitz, hoje, também graças a pessoas como Radmann, largamente considerados como a principal e ineludível manifestação de um dos mais desumanos regimes políticos de toda a história.

A grande vergonha surge-nos, mascarada, em 1958, no coração da sociedade alemã, coberta por tons amenos e até “açucarados”, para citar uma expressão feliz usada no filme. Afinal de contas, também “os outros” tinham campos de trabalhos forçados e os crimes de guerra já haviam sido julgados em Nuremberga. Caso encerrado: a sociedade alemã continuava como se o Holocausto não tivesse ocorrido. Radmann vai sendo

confrontado com a realidade escondida dos campos – em particular, o de Auschwitz – o que o transforma tanto na postura como no discurso (no início ainda se refere ao período em que uma das vítimas esteve no campo de concentração como “estadia”). Quanto mais o jovem procurador se embrenha no caso, mais repugnante e insuportável se vai tornando o dia-a-dia “alienante”.

Recentemente, a Cinemateca Portuguesa exibiu um filme produzido na RFA, **Der Stern von Afrika** / “A Estrela de África” (1957), lançado um ano antes dos factos reconstituídos em **Im Labyrinth des Schweigens** e que canta os feitos de um “herói de guerra”, piloto que “poderia estar vivo hoje” (como se lê no cartão final). A propósito do filme e desta frase final, observou o programador da Cinemateca Portuguesa Antonio Rodrigues, na respetiva Folha de Sala: “o que nos faz lembrar imediatamente dos seis milhões de judeus e vários outros milhões de vítimas civis e militares que também poderiam estar vivas em 1957, se não fosse a ação de personagens semelhantes às que são mostradas como nobres heróis neste filme.” Se não serve para mais nada, a simples existência desta obra – que passou pela censura da RFA depois de alguns retoques na montagem – é elucidativa do grau de alheamento que acometia a população alemã. É este o ponto de partida do herói de **Im Labyrinth des Schweigens**: uma luta, ao início muito ingloria, que visa despertar todo um povo para a mais ignominiosa das verdades, dando conta de que o nazismo permanecia, à data, bem vivo nos espíritos do vizinho e da vizinha: “Eles [os nazis] ainda estão por todo o lado”, desabafa a dada altura.

Disse o realizador em entrevista disponível *online*, concedida a Barbara Reiss, diretora executiva da Congregação Shearith Israel: “Este julgamento, segundo sei, foi a primeira vez que um país colocou os seus próprios soldados, digamos, em tribunal, por algo que fizeram seguindo ordens. (...) Os alemães claramente se esqueceram. Foi ‘a segunda vergonha’, como um escritor chegou a chamar. A ‘primeira vergonha’ foi o Holocausto, ‘a segunda’ foi quanto tempo nos demorámos a não falar e a encobrir isso. Tento também explicar outra coisa: depois da guerra, a Alemanha foi destruída e havia pessoas a morrerem à fome. As pessoas estavam *totalmente* concentradas na sua sobrevivência.” Com o passar do tempo, “a rapina de todas as coisas”, o povo alemão foi ganhando distância sobre o que se passou, desejando ardente e secretamente “virar a página”. Nesse sentido, Radmann e os seus cúmplices são visados pelos colegas e amigos como “impostores” e, em certo sentido, “antipatriotas” quase sadomasoquistas.

Ricciarelli refere ainda na entrevista que, hoje, não devemos confundir culpa com responsabilidade, que o próprio, enquanto homem sexagenário, não tem de se sentir culpado, mesmo que continue a ser responsável por aquilo que se passou ou por aquilo que se possa passar no sentido do encobrimento dos factos: “Não devemos subestimar o poder da negação. A negação é muito poderosa.” Esta será a mensagem mais forte e atual deste filme, esteticamente plano, quase televisivo: a luta pela democracia é uma constante e o esquecimento é a primeira armadilha a ter debaixo de olho, podendo tornar essa luta ingloria. Quase tão ingloria quanto parecia redundar a do corajoso Radmann face aos seus familiares, amigos, colegas e vizinhos, nesse tal “labirinto do silêncio” que era a RFA no final dos anos 50.

Luís Mendonça